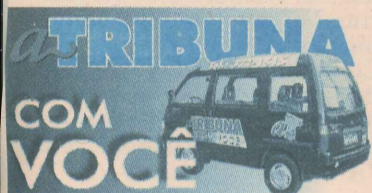


Viagem ao passado em Caratoíra

Moradores lembram quando o antigo cemitério foi invadido por 48 famílias e o bairro virou centro de casas de prostituição



Geladeira de madeira, cemitério invadido e antigas casas de prostituição, comandadas por lindas mulheres. Tudo isso faz parte do passado do bairro Caratoíra, em Vitória.

A história do lugar começou na década de 20. De início, o bairro foi ocupado por trabalhadores ligados ao Porto de Vitória. Em 1922, só possuía duas pequenas vendas e logo após veio a instalação de uma "gusa" de carne.

A parte mais alta do bairro, conhecida como Alto de Caratoíra, que na linguagem indígena significa Montes Altos, foi invadida por três famílias. Os primeiros moradores foram José Bittencourt, Manoel Serafim e João Venâncio.

Os moradores mais antigos contam que a primeira casa a possuir geladeira, pertencia a Jovelino Venâncio. Era toda feita em madeira com pedras de gelo. A comunidade utilizava o invento para guardar remédios, principalmente, injeções.

A casa de Jovelino era também uma espécie de ponto de encontro, pois ele foi o dono do primeiro rádio à energia. Lá, os moradores se reuniam para ouvir as novelas.

Outra figura folclórica do bairro se chamava "seu" Sálvio. Quando o relógio marcava 11h e 17 horas, ele fazia barulho para in-

dicar o horário. As pessoas podiam acertar seus relógios só ouvindo as batidas do antigo morador, que morreu há 15 anos.

Na época, as ruas de Caratoíra possuíam outros nomes. A atual Orlando Bonfim se chamava Riachuelo, a Inácio Pessôas era a rua Saúde e a Brás Rubim, Paraguassu.

As ruas começaram a ser pavimentadas entre 1962 e 1963, quando existiam mais de 50 casas na área. Já com ruas calçadas, Caratoíra foi atraindo moradores de classe média.

A invasão que caracteriza a maioria dos bairros de Vitória também ocorreu por lá. Cerca de 48 famílias ocuparam um antigo cemitério, abandonado há mais de 20 anos por possuir muita pissarra, um tipo de pedrinha.

Os barracos foram rapidamente substituídos por casas de alvenaria e as famílias se integraram ao convívio da comunidade. Já as casas de prostituição, que por anos funcionaram na parte baixa de Caratoíra, foram transferidas no final da década de 60 para São Sebastião, atual bairro Novo Horizonte, na Serra.

Tradição de Cosme e Damião

Todo ano, no dia 27 de setembro, a porta da casa da aposentada Judith Francisca de Oliveira, 78 anos, fica lotada de jovens e crianças. Neste dia, quando se comemora São Cosme e São Damião, ela distribui balas, alimentos e brinquedos, pagando uma promessa que fez há 38 anos.

Para conter a multidão, que esse ano chegou a três mil pessoas, Judith recebe até ajuda de policiais militares. E sempre no mesmo dia, ao terminar a distribuição, começa os preparativos para a festa do ano seguinte.

A festa começou quando, num domingo de Cosme e Damião, em 1962, o filho foi raptado por um desconhecido. "O homem colocou meu filho numa caminhoneira e fugiu. Na hora, fiquei cega. Me ajoelhei e pedi para Cosme e Damião me ajudarem, pois meu menino também era gêmeo", recordou.

Os policiais conseguiram encontrar o filho de Judith e, a partir daquele ano, o dia 27 de setembro passou a ser um marco para ela.

"Todos os dias eu acordo de madrugada para trabalhar esperando o dia de Cosme e Damião. Faço bonecas, reformo móveis e objetos usados. No dia da festa, entrego tudo isso e mais outros 300 quilos de bala".

Judith pediu para quem puder ajudar, doando retalhos de tecido ou brinquedos, basta procurá-la na rua José Bittencourt, nº 134, em Caratoíra.



Aos 100 anos, Alice Ribeiro Brasil comemora: "Dei aula para todas as crianças do bairro"

Histórias de quem viveu 100 anos

A professora aposentada Alice e a dona-de-casa Maria eram mocinhas quando o mundo assistiu às duas grandes guerras e nem sonhavam que, com o passar dos anos, as pessoas poderiam se comunicar por meio de máquinas, como os computadores.

Alice Ribeiro Brasil, 100 anos, e Maria Chagas de Jesus, 99, são as moradoras mais idosas de Caratoíra. Todas as pessoas do bairro já ouviram falar delas.

Alice nasceu em Alfredo Chaves, onde estudou e se formou professora. Em 1915, juntamente com sua família, se mudou para Vitória e, em 1926, se instalou em Caratoíra que, na época, se chamava Alto Santo Antônio.

Até hoje ela mora na mesma rua, na casa onde funcionou

suas escolinha, a Nossa Senhora da Conceição. "Eu dava aulas particulares na sala da casa, onde funcionava a escola, que era até registrada na Secretaria de Educação. Dei aula para todas as crianças do bairro, que hoje já são senhores e senhoras", lembrou.

Com uma saúde perfeita, a professora Alice, como é conhecida na região, gosta mesmo é de conversar e assistir às missas transmitidas pela TV. Apesar da idade, ela contou que come de tudo um pouco, além de tomar um tônico para "ficar forte".

Os finais de semana na casa da professora são bastante animados. É quando os netos e bisnetos vão visitá-la. Alice teve seis filhos e possui 20 netos e 25 bisnetos.

Já a dona-de-casa Maria de Jesus, que vai completar 100 anos em março de 2001, mora em Caratoíra desde 1935. Segundo ela, o bairro era formado por muitas casinhas velhas quando se mudou para lá.

"Eu nasci em Canavieiras, Bahia, e vim para Vitória quando era mocinha. Como não era de sair de casa, só ia na casa de poucas pessoas aqui do bairro".

Maria também está bastante lúcida e gosta de andar pela casa, tomar banho e pentear os cabelos sem a ajuda de ninguém.

Ela mora na escadaria que leva o nome de seu segundo marido, José Carneiro de Almeida, e lembra quando ele cavou uma espécie de escada no terreno. "Era o único jeito de subir aqui".